

O PROFESSOR-PESQUISADOR COMO AGENTE DE LETRAMENTOS MÚLTIPLOS

Barbara Karollayne Barbosa da Costa ¹

Rodrigo de Oliveira Chaves ²

Isabel Cristina França dos Santos Rodrigues ³

Clara de Cássia Lima Sousa ⁴

Welton Diego Carmim Lavareda ⁵

RESUMO

Trata-se de uma proposta que tem como objetivo geral potencializar metodologias voltadas para algumas estratégias facilitadoras da compreensão leitora. O processo de teorização dos conceitos ocorrerá por meio de um diálogo entre Moita Lopes (2006; 2013), Rajagopalan (2003) e Bortoni-Ricardo, Machado & Castanheira (2010), na busca de gestos interpretativos impulsionadores da perspectiva de que letrar é também criar eventos que oportunizem integrar o alunado à situações de interação socialmente relevantes e que contribuem para valorização e empoderamento da representação identitária dos sujeitos em aprendizagem. Deste modo, na busca de sistematizar a pesquisa, os procedimentos técnicos do estudo têm abordagem documental, tendo como instrumento para a produção dos dados alguns materiais didáticos utilizados com jovens em situação de vulnerabilidade social, atendidos pelo Movimento República de Emaús em parceria com algumas escolas do bairro Bengui, considerando os baixos níveis de aprendizagem causados também pela pandemia. Almeja-se com esta pesquisa também ampliar o trabalho com unidades linguísticas sempre contextualizadas e, ao mesmo tempo, refletir sobre um determinado trabalho pedagógico adequado aos tipos textuais, gêneros discursivos e demandas sociais constituidores de múltiplas intenções comunicativas e, portanto, de letramentos múltiplos, partindo sempre do conceito de língua como uma movimentação social que se manifesta no plano de expressão. Espera-se com este trabalho estabelecer um diálogo entre o dizer e o fazer na sala de aula, ampliando as perspectivas de atuação para os professores pesquisadores na educação básica, educadores do Movimento, futuros licenciados em Letras e futuros alfabetizadores de maneira a ampliar os sujeitos envolvidos no processo.

Palavras-chave: Ensino, Aprendizagem, Leitura, Linguística Aplicada Indisciplinar.

PRIMEIRAS PALAVRAS: CONTEXTUALIZANDO O LUGAR DA PESQUISA

Criar eventos de letramentos socialmente relevantes, que empoderam as múltiplas identidades e oportunizam uma trajetória de ensino e aprendizagem é o desafio principal dos professores em formação. Para Bortoni-Ricardo, Machado & Castanheira (2010), todo professor é, por essência, um agente de letramentos. Mas, a performance de um professor

¹ Graduanda do Curso de Letras-Língua Portuguesa da Universidade Federal - PA, barbarakarollayne13@gmail.com;

² Graduando do Curso de Letras - Língua portuguesa da Universidade Federal - PA, rodrigov1234@gmail.com;

³ Doutora em Educação, Universidade Federal- PA, irodrigues@ufpa.br;

⁴ Graduanda do curso de Letras- Língua portuguesa da Universidade Federal - PA, clarasou.cs@gmail.com;

⁵ Doutor em Letras, Universidade Federal- PA, weltonlavareda@ufpa.br.

caminha junto às dúvidas sobre sua atuação e os limites entre a prática e a teoria docente. Durante a formação acadêmica, circulam inúmeras inseguranças acerca das competências e habilidades necessárias para ser um "bom professor", e se falarmos de letramentos, as incertezas são ainda mais evidentes, uma vez que parece existir um impasse sobre quais eventos e metodologias são consideradas relevantes em sala de aula. No período de estágios, este é certamente um ponto de questionamento para os futuros professores, sem esquecer das dificuldades enfrentadas para elaborar um plano de aula que realmente atenda aos conteúdos formativos necessários e, ao mesmo tempo, provoque a formação de sujeitos preparados para circular nas múltiplas manifestações de linguagens, pois ...

[...] que distingue um professor-pesquisador dos demais professores é seu compromisso de refletir sobre a sua prática, buscando reforçar e desenvolver aspectos positivos e superar as próprias deficiências. Para isso ele se mantém aberto para novas ideias e estratégias (Bortoni-Ricardo, 2008, p. 46).

Dinâmica que atravessa, inclusive, os limites da estrutura física da instituição de ensino e, por conseguinte, leva muitos educadores às diferentes concepções de avaliação que circulam, até hoje, nas salas de aula. Chueiri (1998) nos recorda que a prática, ainda recorrente, de aplicação de provas, por exemplo, remonta aos séculos XVI e XVII com caráter de classificação e não de diagnose para orientação das aprendizagens. No século XX, o sistema de medir para avaliar passou a vigorar na escola, e hoje ocupa o imaginário de alunos e professores, reduzindo sujeitos em situação de aprendizagem a um número aceitável ou não, desconsiderando as diferentes manifestações do ato de aprender. Assim, este trabalho pretende, a partir de uma visão panorâmica, estabelecer um “*como fazer*” para os agentes de letramentos. Tendo sempre em mente que...

[...] cabe à escola munir-se de instrumental teórico e metodológico eficiente para lidar com esses novos alunos, cidadãos brasileiros com direito a uma educação de qualidade. Nesse sentido, uma das primeiras tarefas da escola é a consideração dos usos lingüísticos desses alunos como formas genuínas de expressão da língua portuguesa, convenientes e adequadas à sua inserção social. A partir da experiência educacional, deverão ser apresentadas as demais variantes sociolinguísticas do português, dentre as quais se destaca, como forma prestigiada de expressão, a norma culta, em sua modalidade falada e escrita, que cabe também à escola trabalhar, considerando sempre o caráter político e ideológico que recobre essa questão (Martelotta, 2011, p. 239).

Dito isso, é importante situar o leitor de que este ‘fazer pesquisa’ tem como ponto de partida a inquietude provocada pelo atraso e baixo desempenho nas habilidades de leitura e escrita dos alunos do Ensino Fundamental II que são participantes das atividades do apoio

escolar⁶ no Movimento República de Emaús que é uma instituição de acolhimento social e com proposta de ações educativas integradas e que favorecem o trabalho com o currículo pautado nas práticas sociais e não do modo como é desenvolvido nas escolas.

Por consequência, observa-se o deslocamento desses sujeitos para um “limbo” da sala de aula, uma vez que há indícios de que os planejamentos nos Anos Finais do Ensino Fundamental pouco incidem nas práticas que visibilizem e valorizem as experiências de vida para além dos muros escolares. Desse modo, a perspectiva do letramento que amplia os atos de codificar e decodificar deveria desafiar os sujeitos, a partir do seu cotidiano, a posturas de engajamento com a leitura e com a escrita enquanto atos políticos.

Com encaminhamento da leitura e da escrita enquanto atos políticos, o Movimento República de Emaús, em parceria com o Programa de extensão (PROEXIA AVANÇADA/2022) procuram articular diálogos entre a comunidade universitária, a comunidade escolar e pais/responsáveis do bairro Bengui possibilitando aos adolescentes participantes do programa, via projeto “Apoio escolar” (Criança Esperança) o desenvolvimento de competências de leitura e de escrita usando estratégias e recursos lúdicos e multissemióticos pautados no cotidiano desses adolescentes no bairro do Bengui, a fim de criar práticas e experiências de linguagem para além dos moldes tradicionais de ensino de línguas e de suas manifestações. O plano de ensino adotado pelo Movimento República de Emaús é embasado na ‘metodologia Freireana’, a qual tem como pressuposto o uso das experiências coletivas ‘reais’ de cada educando no processo de aprendizagem, de modo que o aprendiz reconheça suas vivências na construção do conhecimento, fortalecendo e empoderando a identidade de cada um, deste modo, promove uma educação social mais crítica e que dialogue com as temáticas sociais, fortalecendo igualmente passos efetivos para a ampliação de princípios de cidadania.

Em harmonia com a proposta pedagógica da instituição, entendemos neste trabalho a língua como uma movimentação social, como elemento capaz de se transformar e se adaptar para atender os diversos sujeitos das práticas socioculturais. Assim, as práticas de linguagens que são desenvolvidas nos encontros com os alunos também consideram as interações dos sujeitos como parte fundamental da dinâmica de ensino e aprendizagem, e a partir da perspectiva da Linguística Aplicada Indisciplinar, isto é, para nós, “[...] a língua é como uma

⁶ Atividade do programa de Extensão Inclusiva Avançada - República de Emaús Patrimônios, Decolonialidades e Formação Cidadã: Articulações interdisciplinares entre a vida na comunidade e no trabalho, da Universidade Federal do Pará, coordenado pela professora doutora Isabel Cristina França (UFPA) e pelo professor Doutor Welton Lavareda (UFPA).

trama instável de fluxos que só ganha vida quando as pessoas e suas subjetividades e histórias são consideradas nas práticas sociais múltiplas e situadas de construção de significado em que atuam" (Moita Lopes, 2013, p. 104), assim os engajamentos dos adolescentes foram nos mostrando outras formas de ensinar e de aprender de modo a ampliar as aprendizagens dos participantes.

Deste modo, na busca de sistematizar a pesquisa, os procedimentos técnicos do estudo têm abordagem documental, tendo como instrumento para a produção dos dados alguns materiais didáticos utilizados com jovens. Tem-se como objetivo geral, vale o destaque, potencializar metodologias que favoreçam a aprendizagem dos sujeitos envolvidos nas cenas escolares. Com isso, foi analisado o impacto dos recursos e práticas didáticas utilizadas nas dinâmicas de sala de aula, na busca de ampliar o trabalho com unidades linguísticas sempre contextualizadas e, ao mesmo tempo, refletir sobre um determinado trabalho pedagógico adequado aos tipos textuais, gêneros discursivos e demandas sociais constituidores de múltiplas intenções comunicativas.

LINGUÍSTICA APLICADA INDISCIPLINAR E A PEDAGOGIA DA LEITURA

A compreensão leitora ocupa uma posição central no processo educacional, muito importante para o pleno desenvolvimento dos indivíduos na sociedade contemporânea. Este trabalho busca aprimorar as metodologias destinadas a facilitar a compreensão leitora, fundamentando-se em um diálogo teórico entre os autores Moita Lopes (2006; 2013), Rajagopalan (2003) e Bortoni-Ricardo, Machado & Castanheira (2010). A perspectiva que orienta essa proposta sugere que letrar vai muito além da mera decodificação de símbolos; é a criação de eventos que integram os alunos a situações socialmente relevantes, contribuindo para a valorização e empoderamento de suas identidades no processo de aprendizagem.

A Linguística Aplicada Indisciplinar permeia a pesquisa com o caráter de ciência social e de análise da linguagem como uma prática social, ou seja, não podemos abordar a construção de conhecimentos linguísticos e o desenvolvimento de competência leitora sem considerar os problemas do mundo real.

Espera-se, por exemplo, que os professores de língua portuguesa recebam alunos alfabetizados nos Anos Finais do Ensino Fundamental e que estes discentes estejam prontos para o amadurecimento da competência leitora, um trabalho de compreensão e interpretação de textos que exige um leitor ativo, participativo e fluente nas múltiplas variedades da língua.

O que acontece, no entanto, é a chegada e continuidade de alunos sem o devido preparo para dinâmica de sala de aula de língua portuguesa. Logo, esse professor que não é, tradicionalmente, um alfabetizador se vê diante do desafio de trabalhar com alunos não alfabéticos (nível silábico e pré-silábico). Com efeito, qual o caminho para este professor? Se há uma quebra no contrato didático entre escola e aluno, a relação familiar potencializou a evasão e as ações pedagógicas não conseguiram dar conta de aspectos mais específicos da língua nos anos iniciais, fica para o professor de língua portuguesa o papel de reinserir o alunado nas práticas de linguagens? E este professor recebe e domina as estratégias necessárias para isso, considerando que os aspectos linguísticos já constituem a sua formação, o que não ocorre na mesma proporção na formação do pedagogo?

Sem dúvidas, precisamos refletir criticamente o lugar ocupado pelos profissionais de Letras no processo de alfabetização e letramento, uma vez que não existirá essa distância entre as performances do licenciado em Letras e do pedagogo, enquanto vivenciarmos a desigualdade e a vulnerabilidade de milhares de crianças e adolescentes. Não esqueçamos de que a escola e a avaliação escolar são também espaços e instrumentos políticos.

Por todo o exposto até aqui, precisamos falar de uma pedagogia da leitura fundamentada nos processos de *transposição didática* (Almeida, 2007) que tornem esse conhecimento científico ensinável e, assim, os alunos possam avançar nas dinâmicas sociais empoderadoras e acadêmicas em toda sua multiplicidade.

METODOLOGIA

Na busca de sistematizar os processos de estudo, este trabalho faz uso da ferramenta ciclo PDCA (planejar, fazer, checar e agir), que pressupõe planejamento direcionado a uma problemática observada pelos pesquisadores dentro de um determinado ambiente, e a partir desse reconhecimento implementa ações e pesquisas específicas para aquele público, flexibilizando as práticas docentes aplicadas de acordo com os obstáculos e resultados alcançados e, portanto, esquematiza um ciclo de pesquisa e ação.

Kurt Lewin (*apud* Franco, 2005) considerava que a pesquisa-ação é um processo de espiral que se desenvolve em três fases: 1. planejamento, que envolve reconhecimento da situação; 2. tomada de decisão; e 3. encontro de fatos sobre os resultados da ação. Esse último deve fazer parte da fase seguinte de retomada do planejamento, ou seja, as novas ações partirão sempre dos resultados encontrados. Funcionando como uma cronologia de desenvolvimento tanto para os participantes, quanto para os pesquisadores.

Neste caso, a pesquisa tem como cenário inicial as atividades diagnósticas que determinam a situação de cada aluno antes de iniciar uma sequência de ensino e aprendizagem. As avaliações diagnósticas foram aplicadas no apoio escolar do Movimento República de Emaús e evidenciaram a necessidade de promover um ensino de língua portuguesa mais contextualizado e atrelado, produtivamente, à pedagogia da leitura.

O trabalho com a tríade oralidade, leitura e escrita, então, permitiu a análise dos aspectos linguísticos e pragmáticos, relevantes à Linguística Aplicada, já que a “[...] linguagem é importante não só para a organização do pensamento, como também para a compreensão e categorização do mundo que nos cerca” (Martelotta, 2011, p. 15).

A pesquisa utiliza a abordagem documental e tem como atravessamento alguns movimentos decoloniais de ensino. Em outras palavras, nos referimos aqui, com base em Quintero, Filgueira & Elizalde (2014), a um conjunto heterogêneo de contribuições teóricas e investigativas sobre a colonialidade em interface com os processos de Ensino e Aprendizagem de cosmologias linguísticas. O que cobre tanto as revisões historiográficas, a recuperação do pensamento crítico latino-americano, as formulações (re)conceitualizadoras, como as revisões e tentativas de expandir e revisar as indagações teóricas e práticas de variados circuitos pedagógicos. Deste modo, são movimentos pedagógico-enunciativos não isentos de contradições e conflitos, cujo ponto de coincidência é a problematização da colonialidade em suas diferentes formas, ligada a uma série de premissas epistêmicas compartilhadas com aplicação de jogos de leitura, escrita e oralidade e contação/mediação de histórias para o trabalho com diferentes gêneros discursivos.

E por se tratarem de fontes primárias, todos os dados registrados ao longo da aplicação das sequências de atividades (produções dos alunos, vídeos, fotografias, relatórios) são organizados e classificados por data no armazenamento de nuvem do programa de extensão, que por sua vez possui a licença de uso de conteúdos audiovisuais.

Os dados foram analisados utilizando como suporte teórico-metodológico a Linguística Aplicada Indisciplinar, uma vez que os diálogos teóricos estão ancorados na perspectiva de que letrar é, também, criar eventos socialmente relevantes, logo, a intencionalidade é o elemento norteador na elaboração da trajetória de aprendizagem, pois neste cenário o professor é o agente que atribui sentido e significado ao evento de letramento. Para fins deste artigo, as análises terão como base de maior referência os aspectos da leitura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os pesquisadores identificaram, de forma empírica, e esquematizaram algumas das causas para a baixa competência leitora por parte dos alunos e usaram essa análise, sempre contextualizada, para potencializar as dinâmicas de aprendizagem do grupo.

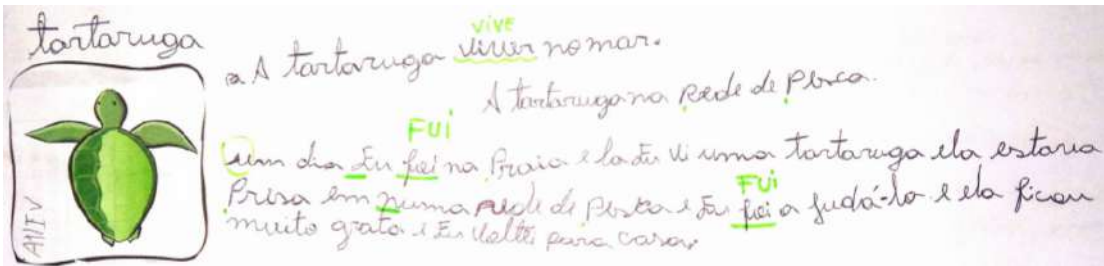
Imagem 01 - Causas e efeitos



Fonte: COSTA, B.K.B (2023)

O primeiro momento de produção e quantificação de dados foi a atividade diagnóstica, aplicada usando a tríade de oralidade, escrita e leitura. Os alunos utilizaram o recurso pedagógico da caixa surpresa, composta por imagens, figuras e rótulos variados. Cada indivíduo sorteou na caixa surpresa uma imagem e todos identificaram oralmente o elemento escolhido (objeto, fruta, animal, comida, paisagem etc).

Tabela 01 - Diagnose

 <p>A tartaruga vive no mar. A tartaruga na Rede de Pesca.</p> <p>Um dia eu fui na Praia e lá vi uma tartaruga ela estava presa em numa Rede de Pesca e eu fui a ajuda-la e ela ficou muito grata e eu voltei para casa.</p>
<p>No topo da imagem, o discente faz a identificação da imagem: “tartaruga” Ao lado da figura podemos ler duas frases, a saber: “A tartaruga viver no mar” e “A tartaruga na Rede de Pesca”</p>

Imediatamente abaixo das frases, o participante registra seu texto:

“um dia Eu foi na praia e lá Eu vi uma tartaruga ela estava Presa em numa Rede de Pesca e Eu foi a judá-la e ela ficou muito grata e Eu voltei para casa”

Fonte: COSTA, B.K.B (2023)

Na segunda etapa da diagnose, os discentes passaram para identificação escrita do elemento sorteado e para produção de frases e textos, as produções foram socializadas na turma utilizando um varal literário. Também foi realizada uma contação de histórias com o tema “Origens do Bengui”, a fim de trazer para sala de aula a vivência da comunidade e construir o sentido da oralidade e da leitura contextualizada, os alunos compartilharam suas próprias versões da história do Bengui e dos locais que são ocupados por eles e suas famílias no dia a dia.

Imagem 02 - Contação de histórias



Fonte: COSTA, B.K.B (2023)

Esse momento de troca de vivências possibilitou aos bolsistas, não bolsistas e coordenadores do Programa PROEXIA Emaús a observação de como os alunos utilizam a linguagem cotidiana, respeitando as variações linguísticas. Além disso, foi possível analisar os aspectos de pertencimento e de identidade, evidenciando o que Bortoni-Ricardo diz, a saber: “[...] os alunos devem sentir-se livres para falar em sala de aula e, independentemente do código usado - a variedade padrão ou variedades não padrão -, qualquer aluno que tome o piso em sala de aula deve ser ratificado como um participante legítimo da interação” (Bortoni-Ricardo, 2005).

A partir disso, os bolsistas, não-bolsistas e coordenadores puderam definir com mais clareza quais as dificuldades e necessidades dos alunos. Logo, essa análise – mesmo ainda em caráter panorâmico -, serviu de direcionamento para atividades posteriores, garantindo um processo gradativo de aprendizagem que leva em consideração as particularidades dos sujeitos, tomando o processo de educação linguística como um ...

[...] conjunto de fatores socioculturais que, durante toda a existência de um indivíduo lhe possibilitaram adquirir, desenvolver e ampliar o conhecimento de (ou sobre) sua língua materna, de (ou sobre) outras línguas, sobre a linguagem de um modo mais geral e sobre todos os outros demais sistemas semióticos (Bagno, 2017, p. 104).

A abordagem da Linguística Aplicada Indisciplinar mostrou-se propositiva para repensar a aprendizagem no contexto multifacetado da sala de aula. Ao explorar a tríade de oralidade, escrita e leitura, a equipe foi além da visão que invisibiliza os sujeitos envolvidos e suas experiências na comunidade e reconheceu que a competência leitora não é uma habilidade isolada, mas parte de um complexo sistema sociocultural. A ênfase nas vivências dos alunos e na história do bairro evidenciada na atividade diagnóstica com a caixa surpresa e na contação de histórias, proporcionou não apenas dados linguísticos, mas uma compreensão aprofundada de suas identidades, variações linguísticas e senso crítico das relações que circulam pelas suas comunidades.

Nesse processo, a sala de aula (no caso do Movimento de Emaús, é o espaço da biblioteca usado no desenvolvimento das ações) deixou de ser apenas mais um ambiente de transmissão de conhecimento para se tornar um espaço dinâmico de interação, de linguagens e saberes diversos se alinhando ainda mais à proposta de trabalho do Movimento. Essa perspectiva reforça a importância de uma pedagogia da leitura ancorada em processos que enfatizem a necessidade de considerar o aluno como um ser integral, imerso em experiências socioculturais que atravessam sua relação com a linguagem e a leitura.

Observamos ao longo do desenvolvimento do programa a evolução dos sujeitos participantes, tanto na competência leitora, quanto na competência de escrita. A mudança nas estratégias e recursos de ensino por parte dos educadores sociais e equipe do programa associadas às experiências e convívios sociais dos alunos, dessa maneira, podem ser importantes instrumentos para o processo de ensino e aprendizagem, possibilitando a criação de eventos de letramentos socialmente relevantes e reconhecendo a identidade dos sujeitos envolvidos em prol da ampliação do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos analisar com esse trabalho que as metodologias de ensino voltadas às práticas socioculturais e individuais dos alunos podem contribuir para formação de sujeitos críticos, preparados para diferentes situações de comunicação na vida em comunidade. Além disso, a formação docente também é agregada de maneira significativa nos seus processos de ensino e aprendizagem, contribuindo para o protagonismo de uma pedagogia da leitura mais crítica e que ultrapasse os muros das instituições pelas quais os sujeitos atendidos pelo Movimento de Emaús circulam.

Por conta disso, precisamos ter em mente que a educação, sobretudo a pública, deve empoderar os sujeitos em aprendizagem e, portanto, levar em consideração suas histórias, vozes e diferentes formas de ver e estar no mundo. Assim, é relevante ressaltar que a investigação buscou não apenas ampliar o trabalho com unidades linguísticas contextualizadas, mas também refletir sobre práticas pedagógicas alinhadas aos gêneros discursivos e demandas sociais.

Ao posicionar a língua como movimentação social, então, espera-se que ela favoreça o diálogo entre teoria e prática nos ambientes formais e/ou não-formais de ensino, ampliando as perspectivas de atuação na docência, na pesquisa em Letras, na Educação de maneira a contribuir para a formação de sujeitos mais engajados com a sua formação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. Transposição didática: por onde começar? São Paulo: Cortez, 2007. BRASIL.

BAGNO, Marcos. Dicionário crítico de sociolinguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; MACHADO, Veruska Ribeiro; CASTANHEIRA, Salete Flôres. Formação do professor como agente letrador. São Paulo: Contexto, 2010

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.

CHUEIRI, Mary. Concepções sobre a avaliação escolar. *In Estudos em avaliação educacional*, v.19, n.39, p.49-64, Jan./abr.2008.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da pesquisa-ação. *Educação e Pesquisa* [online]. 2005, v. 31, n. 3 [Acessado 18 Novembro 2023], pp. 483-502. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000300011>>. Epub 17 Abr 2006. ISSN 1678-4634. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000300011>.

JORBA, Jaume e SANMARTI, Meus. A função pedagógica da avaliação. *In: BALLESTER, Margarita et al. Avaliação como apoio à aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MARTELOTTA, Mario Eduardo (Org.). *Linguística e Ensino. In Manual de linguística*. 2. ed. — São Paulo: Contexto, 2011. p 239.

MOITA LOPES, L. P. (Org.) *Por uma. Linguística Aplicada Indisciplinar*. São. Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MOITA LOPES, L.P. (Org.). *O português no século XXI: Cenário geopolítico e sociolinguístico*. São Paulo: Parábola, 2013.

QUINTERO, Pablo; FIGUEIRA, Patrícia; ELIZALDE, Paz Cunha. Uma breve história dos estudos decoloniais. *In: Estudos Decoloniais: Un Panorama General*. KULA. Antropólogos dele Atlântico Sur, Buenos Aires, n. 6, 2014, pp. 8-21.